

A BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

Angela Fenner Berwaldt e Sílvia Pretzel

RESUMO[®]

O conto popular, até o século XVII, teve circulação anônima, permanecendo na memória dos ouvintes que, ao reproduzirem os relatos não só os modificavam como os adaptavam às suas circunstâncias. No mesmo século XVII, constata-se o primeiro esforço de registro de contos populares através da obra de Charles Perrault que, em 1697, publicou uma coletânea de contos do folclore francês com histórias como: *A gata borralheira*, *Chapeuzinho vermelho* e *o Gato de botas*. No século seguinte, os Irmãos Grimm retomam a prática de coletar relatos populares, seguidos por Hans Christian Andersen. Os contos de fadas possuem uma certa unidade com determinadas funções, as quais foram levantadas por Vladimir Propp. Desse modo, este trabalho tem por objetivo analisar as funções presentes no conto de fadas "Branca de Neve e os sete anões" dos irmãos Grimm. Para esta análise, nos baseamos nos textos teóricos de Coelho (1985), Abramovich (2002) e Pandolfo (1979). Inicialmente para apresentar o contexto histórico de desenvolvimento da literatura infantil e, logo após, para analisar detalhadamente as especificidades do conto em questão, identificando cada um dos elementos e suas particularidades.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil-juvenil, conto, funções

INTRODUÇÃO

As primeiras preocupações com a literatura infantil aconteceram na França, durante a monarquia absoluta de Luís XIV, no século XVII. Segundo Coelho (1985), a literatura infantil "resulta da valorização da fantasia e da imaginação e que se constrói a partir de textos da Antigüidade Clássica ou de narrativas que viviam oralmente entre o povo" (p.56). Os primeiros livros infantis foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Esta produção não ocorreu anteriormente, pois não havia a concepção de infância. As crianças viviam entre os adultos e eram consideradas como tais. A partir da metade da Idade Moderna é que esta concepção começa a mudar, pois havia "emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade e estimular o afeto entre seus membros" (Zilberman, 1981, p.15).

Dois dos produtores de literatura infantil que ocuparam posição de destaque foram os irmãos

Grimm, Jacob e Wilhelm (1785 e 1863), que foram estudiosos, pesquisadores e representantes do Romantismo alemão. Eles, inseridos num contexto histórico alemão de resistência às conquistas napoleônicas, recolhem, diretamente da memória popular, as antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas, conservadas por tradição oral. Buscando encontrar as origens da realidade histórica germânica, os pesquisadores encontram a fantasia, o fantástico e o mítico em temas comuns da época medieval. Segundo Abramovich (2002), esses autores "não pretendiam escrever para crianças, tanto que seu primeiro livro não se destinava a elas" (p.123). Mas em 1815, Wilhelm usou seu material fantástico de forma sensível conservando a ingenuidade popular. A partir de então, os irmãos Grimm fundiram dois universos: o popular e o infantil, produzindo uma literatura direcionada para crianças. O título escolhido para a coletânea de contos foi *Kinder und Hausmärchen* (1812-1815), "Histórias das crianças e do lar".

A característica básica dos contos de fadas é a de apresentar uma problemática simples: um só núcleo dramático. A repetição ou reiteração, juntamente com a simplicidade da problemática e da estrutura narrativa, são outros elementos constitutivos básicos dos contos populares. Da mesma forma que a simplicidade da mente popular, ou da infantil, repudia as estruturas narrativas complexas devido à dificuldade de compreensão imediata que elas apresentam. Esses leitores também se desinteressam da matéria literária que apresenta excessiva variedade, ou novidades que alterem continuamente as estruturas básicas já conhecidas.

Essa reiteração dos mesmos esquemas na literatura popular-infantil vai ao encontro da exigência interior de seus leitores: apreciarem a repetição das "situações conhecidas", porque isso permite o prazer de conhecer, por antecipação, tudo o que vai acontecer na história. É mais, dominando a marcha dos acontecimentos, o leitor sente-se seguro interiormente.

Segundo Aguiar in Abramovich,

os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como o estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra a tranquilidade inicial.

O desenvolvimento é a busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes etc.). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há volta para o real. (idem, p.120)

Mas, foi Propp o primeiro a estudar a estrutura do conto a partir da análise da forma e fundar assim, as especificidades do gênero. Segundo Pandolfo in Portella (1979), Propp analisou um corpus de 100 contos populares russos, verificando que a estrutura da história coincidia sensivelmente, mesmo que variassem os motivos. Para chegar a esta conclusão, o autor fracionou o texto em uma série de ações encadeadas e elaborou um esquema de 31 funções, que se seguem "formando uma grande sintagmática" (idem, p.132).

Todas as funções não estão presentes obrigatoriamente em um mesmo conto, mas podem apenas aparecer as 31 funções, não mais que isso. Além disso, a ordem em que aparecem costuma ser respeitada. Segundo Pandolfo, "pode acontecer, porém que uma mesma função se realize de maneira idêntica a uma outra, em virtude da assimilação de suas formas; neste caso a identificação das funções se fará considerando as suas conseqüências." (idem, p.135).

As funções de Propp no conto "Branca de Neve e os sete anões" dos irmãos Grimm

A partir das considerações feitas acima, Propp define o conto maravilhoso como "uma narrativa construída segundo a sucessão regular das funções citadas (essas funções serão especificadas neste estudo junto da análise do conto *Branca de Neve e os sete anões*)¹ em suas diferentes formas." (Propp apud Portella, 1979; p.137)

O narrador introduz o texto com a apresentação da protagonista da trama, Branca de Neve, acompanhada de suas descrições físicas e da contextualização dessa no espaço físico e no tempo. Esse fragmento pode ser classificado como a *situação inicial* e não é visto necessariamente como uma função. Nele, geralmente, há uma apresentação do futuro herói, que nesse caso, além de ser um herói do tipo passivo, é identificado como a futura vítima, pois ao longo da narrativa soe os efeitos das ações da madrasta, mas mesmo assim é um ser carismático e dócil que logo de início já tende a despertar a simpatia do leitor: "Há muito tempo, num reino distante, viviam um rei, uma rainha e sua filhinha, a princesa Branca de Neve. Sua pele era branca como a

neve, os lábios vermelhos como o sangue e os cabelos pretos como o ébano"²

No segundo parágrafo, já é introduzido o princípio da problemática, a ausência, desencadeada pela morte da mãe da princesa Branca de Neve "Um dia, a rainha ficou muito doente e morreu", e o perigo que a mesma passa a correr a partir desse momento, com a nova rainha "O que ninguém sabia é que a nova rainha era uma feiticeira cruel, invejosa e muito vaidosa".

Em vista de sua personalidade maléfica, e pelo fato de seus intentos serem ameaçados, a rainha sente a necessidade de combater aquela que perturba os seus planos. Nesse momento, a interdição é violada através da transgressão. É a aproximação do agressor à vítima, em vista de um fato que o leva a querer essa entrada em cena "Branca de Neve crescia e ficava cada vez mais bonita, encantadora e meiga. Todos gostavam muito dela, exceto a rainha, pois tinha medo que Branca de Neve se tornasse mais bonita que ela".

Ao detectar a ameaça, o agressor (a rainha) tenta obter informação acerca do objeto precioso, ou seja, a futura vítima "Espelho, espelho meu! Há no mundo alguém mais bela do que eu?". É a interpelação para traçar o plano de ação. Assim, na seqüência, a informação é obtida pela resposta dada pelo espelho "Sim, minha rainha! Branca de Neve é agora a mais bela!".

A partir disso, o agressor traça o seu artifício para iludir sua vítima. Trata-se do logro, uma tentativa de lograr a vítima "Imediatamente mandou chamar seu melhor caçador e ordenou que ele matasse a princesa e trouxesse seu coração numa caixa. No dia seguinte, ele convidou a menina para um passeio na floresta.."

Através de uma pequena distinção da ordem cronológica das funções proposta por Propp, na seqüência ocorre a interdição, que é um acontecimento favorável à vítima, é como se houvesse algo que compensasse a carência de proteção originada do afastamento. No conto, o caçador resolve que não vai cumprir as ordens de sua mandante e poupar a vítima da cilada do mal, por isso ele dirige-se à princesa dizendo: "Infelizmente não sei, mas não vou obedecer à rainha dessa vez. Fuja, princesa, e, por favor, não volte ao castelo, porque ela é capaz de matá-la!".

Até o presente momento da narrativa, o desenvolvimento da ação em si ainda não aconteceu.

Tudo não passou de uma preparação para a ação propriamente dita.

O dano e/ou a carência por parte da vítima passam a entrar em cena. Branca de Neve desesperada e sem rumo, sai pela floresta em fuga. Trata-se do prejuízo cujo responsável é o agressor, a madrasta, "Branca de Neve correu pela floresta muito assustada, chorando, sem ter para onde ir".

Com o deslocamento da protagonista do lugar onde vive, isto é, partida decorrida por um momento de transição, ela busca o restabelecimento do equilíbrio. Na narrativa, ao sair pela floresta a moça, que até então estava desamparada, encontra refúgio. Ela encontra uma casa, vê a possibilidade de permanecer e sanar suas carências, "No andar de cima da casinha encontrou sete caminhas, uma ao lado da outra. A moça estava tão cansada que juntou as caminhas, deitou-se e dormiu...". Em seguida há uma reparação do dano ou da carência pela cumplicidade de seus novos amigos "Branca de Neve acordou e contou sua história para os anões, que logo se afeiçoaram a ela e a convidaram para morar com eles".

Em alguns casos, há uma função chamada de primeira função do doador em que o herói (tanto aquele que desempenha papel ativo como aquele que desempenha papel passivo) é submetido a provas preparatórias. Mas, nesse caso, por exemplo, a vítima Branca de Neve poderia ser associada a um herói de papel passivo, pois ela não desenvolve propriamente uma ação que poderia ser confundida com um teste, ao longo da narrativa ela age sempre visando o bem de todos.

Desenvolvendo-se a narrativa com características próprias e desvinculando-se um pouco das funções preestabelecidas, alguns elementos não se fazem presentes no texto, mas o próximo elemento encontrado é a volta. Essa volta consiste em uma retomada de uma situação anterior; o agressor reaparece no caminho da vítima "Um dia, a rainha resolveu consultar novamente seu espelho e descobriu que a princesa continuava viva. Ficou furiosa". Simultaneamente a isso, há novamente a interpelação da rainha e a aquisição da informação desejada pela mesma.

Na seqüência, a rainha má traça o seu plano diabólico e passa a colocá-lo em prática. "Fez uma poção venenosa, que colocou dentro de uma maçã, e transformou-se numa velhinha maltrapilha. Uma mordida nesta maçã fará Branca de Neve dormir para sempre". Mais uma vez ocorre o logro, uma tentativa do agressor em derrotar o inimigo. A prática das ações ocorre através de uma perseguição quando "Pouco depois, a velha maltrapilha chegou perto da janela da

cozinha. A princesa ofereceu-lhe um copo d'água e conversou com ela. "Muito obrigada!", falou a velhinha, "coma uma maçã... eu faço questão!"

O fato de a rainha ter aparecido perante a princesa e não ter sido reconhecida presume que ela, como feiticeira, tenha usado de uma aparência física diferente. Assim, poder-se-ia associar a isso uma impostura da madrasta que, não usurpou a imagem do herói - como é comum acontecer nesse tipo de construção - mas utilizou subsídios sórdidos para trapacear e enganar a enteada.

Deixando-se levar pela situação, a princesa pratica uma certa cumplicidade com os planos que prevêem o seu mal "No mesmo instante em que mordeu a maçã, a princesa caiu desmaiada no chão". Depois do dano provocado pelo agressor "Os anões, alertados pelos animais da floresta, chegaram na cabana enquanto a rainha fugia. Na fuga, ela acabou caindo num abismo e morreu" nesse fragmento percebe-se a luta dos anões em defesa de sua protegida, que embora não seja uma luta física, eles perseguem-na, o que dá uma idéia de combate que ocasiona a morte do agressor. Ligado a esse fato está a descoberta do impostor que resulta no castigo.

A essas instâncias da narrativa o leitor se depara novamente com o dano ou a carência acompanhado pelo socorro por parte dos amigos da vítima "Os anõezinhos encontraram Branca de Neve caída, como se estivesse dormindo. Então colocaram-na num lindo caixão de cristal, em uma clareira, e ficaram vigiando noite e dia, esperando que um dia ela acordasse"

Após a passagem do tempo "Um certo dia" e já se encaminhando para a resolução da trama, há a chegada do incógnito, que, nesse caso, é o herói do conto, que após um deslocamento espacial encontra a vítima "...chegou até a clareira um príncipe do reino vizinho..." e "logo que viu Branca de Neve se apaixonou por ela". Percebe-se aqui a reação do herói.

Ao deparar-se com o dano, o herói age como uma empresa reparadora no intuito de solucionar a carência "Ele pediu aos anões que o deixassem levar o corpo da princesa para seu castelo, e prometeu que velaria por ela". "Os anões concordaram e, quando foram erguer o caixão, este caiu, fazendo com que o pedaço de maçã que estava alojado na garganta de Branca de Neve saísse por sua boca, desfazendo o feitiço e acordando a princesa". Para dar andamento à resolução do problema, tem-se a presença de um elemento designado transmissão, que é o aparecimento de um elemento auxiliar mágico que surge para a reparação do dano ou da carência. Isso devido ao fato de Branca de Neve cair do caixão expelindo o pedaço de maçã, o que a mantinha em

sono profundo por causa do feitiço. Esses acontecimentos podem ser vistos como uma força superior, e, portanto, associados ao elemento mágico.

Em alguns contos há a presença de dois elementos que estão diretamente associados que são a tarefa difícil e a realização da tarefa. Essas funções não se encontram muito marcadas nesse texto, mas pode-se associá-las à problemática criada e à respectiva resolução da situação, através dos atos por parte dos anões e por parte do príncipe que se submetem a ajudar a vítima.

Para o encerramento da história, temos assim, a vitória do bem sobre o mal, em que os justos e bons não sofrem mais os males pelas ações do agressor, e que, para compensar o sofrimento, esses são contemplados com felicidades, encerrando o conto com o casamento. Esta é uma prática muito recorrente para o fechamento das ações nesse gênero textual: "Branca de Neve despediu-se dos sete anões e partiu junto com o príncipe para um castelo distante onde se casaram e foram felizes para sempre".

Há uma função denominada transfiguração do herói em que o mesmo recebe um prêmio por seus atos de bravura ou de bondade. No conto em questão, tanto o herói, como a vítima não recebem nenhum prêmio propriamente dito, mas são recompensados com o encontro e a felicidade.

Apesar das funções apresentadas acima, observa-se a ausência de uma marca, que é muito comum nos contos de fadas. A marca, geralmente está ligada ao herói ou se torna o elo de ligação entre o herói e alguma personagem próxima ao mesmo, bem como a vítima ou outra personagem presente em sua vida. Em consequência da ausência de uma marca, o texto também não apresenta uma fase ou um ato de reconhecimento.

Incomum, neste conto, também é a inserção do herói ativo na trama. Ele se insere somente depois de ser apresentado o nó. Ele vem para resolver a problemática e ocasionar o desenlace do conto que é encerrado com final feliz. Na maioria dos casos, o herói é apresentado logo no início e muitas vezes, inclusive, ele atua como protagonista.

CONCLUSÃO

Ao fim das análises, pode-se perceber que é possível classificar o conto de fadas Branca de Neve e os sete anões de acordo com os estudos de Propp, pois as funções estão, em sua maioria, presentes na obra, embora com uma organização própria: algumas não aparecem ao longo do texto, outras aparecem,

inclusive, mais de uma vez. A ordem em que elas aparecem também não segue à risca o padrão proposto por Propp. Em alguns casos, elas encontram-se aglutinadas em uma mesma passagem.

Apesar de os contos de fadas possuírem motivos variados, o desenrolar dos enredos se assemelham, ou seja, personagens têm nomes e atributos diferentes, mas as ações que desenvolvem se identificam. Assim, percebe-se a presença das partes principais envolvidas na trama, que são a figura do agressor, que é a rainha malvada, a figura da vítima, Branca de Neve, que sofre com os caprichos da madrasta e a figura do herói, que é o príncipe que aparece para sanar a carência que atinge a vítima.

Percebe-se, assim, que o conto em questão se assemelha à grande maioria dos contos de fadas, pois a organização de seus elementos está de acordo com o que é esperado pelo público leitor. Além disso, está de acordo com as funções propostas por Propp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infanto-juvenil**. 3.ed. São Paulo: Quíron, 1985.
- PANDOLFO, Maria do Carmo. *Análise da narrativa* In: PORTELLA, Eduardo (org.) **Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979. (p. 131-161)
- ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981.
- CONTOS DE FADAS. Disponível em: www.educacional.com.br/ef1a4/contosdefadas/brancadeneve.html. Acesso em 5 nov. 2005.

NOTAS

¹ Trabalho apresentado pelas alunas do 7º semestre do curso de Letras da UFSM. Angela Fenner Berwaldt e Sílvia Pretzel, à disciplina de Literatura Infanto-Juvenil, sob orientação da Profª Edimara Luciana Sartori.

² Grilo das autoras

² Todas as citações da obra analisada foram retiradas da versão encontrada em CONTOS DE FADAS. Disponível em: www.educacional.com.br/ef1a4/contosdefadas/brancadeneve.html. Acesso em 5 nov. 2005.